



FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

1º ciclo do 4º bimestre da 2ª série

Eixo bimestral: **CRÔNICA E ROMANCE NO PRÉ-MODERNISMO /
SEMINÁRIO E DEBATE REGRADO**

Gerência de Produção

Luiz Barboza

Coordenação Acadêmica

Gerson Rodrigues

Coordenação de Equipe

Leandro Nascimento

Conteudistas

Andreza Nora

Simone Lopes

Vanessa Britto

Edição On-Line Revista e Atualizada

Rio de Janeiro

2013



O QUE ENSINAR?

LEITURA

- **Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.**
- **Reconhecer a abordagem de temas universais na produção literária do negro brasileiro.**
- Diferenciar tema de título e tema de subtema.
- **Distinguir um fato da opinião relativa a este fato.**
- Reconhecer a importância dos argumentos para a defesa e consistência dos pontos de vista defendidos

USO DA LÍNGUA

- **Empregar adequadamente a linguagem e os fatores de textualidade como clareza e objetividade.**
- **Empregar adequadamente marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes etc.).**
- Diferenciar os tipos de argumento: tese, argumento de contra-argumento.
- Utilizar os procedimentos de reformulação e refutação para construção da argumentação.
- Estabelecer relações lógico-discursivas pela utilização de operadores argumentativos.

PRODUÇÃO TEXTUAL

- **Pesquisar sobre autores e obras do período pré-modernista e preparar um seminário/debate regrado para apresentação, utilizando recursos midiáticos e infográficos, citação de fontes e tempo para questionamentos do público.**

COMO ENSINAR

Segundo o Currículo Mínimo, o foco neste ciclo é o Pré-modernismo, relacionando-o aos gêneros textuais crônica e romance. Esse período, que corresponde ao início do século XX, exigiu do artista um novo olhar para a realidade, um olhar que pudesse dar conta de nossa diversidade (regiões, centros urbanos, imigrantes etc). Com essa intenção, a produção de crônicas e romances refletiu aspectos cruciais do Brasil daquela época.

Autores desse período, como Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, deram visibilidade à produção literária brasileira, abordando temas nacionais e universais, como a escravidão, os abusos das autoridades políticas e a dualidade centro/periferia. No que tange ao nacionalismo, observa-se um tratamento mais crítico, bem diferente da estética romântica, cujo enfoque foi idealizado.

A figura de Lima Barreto é um dos grandes expoentes dessa fase. Em sua obra, tanto na crônica como no romance, a palavra serve como instrumento de denúncia social. Outro aspecto a destacar é que esse autor criticou o academicismo na linguagem, apontou graves problemas brasileiros e, como mulato, enfrentou muitos preconceitos. Assim, o acesso à obra de Lima Barreto é importante para entender a produção literária do negro no Brasil – o que atende à Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica.

Além disso, o enfoque deste ciclo também possibilitará a abordagem de transformações históricas e sociais. Nesse período, o país passou por revoltas populares, como a Guerra de Canudos, na Bahia, em 1896/1897; a Revolta da Vacina, no Rio de Janeiro, em 1903; e a Revolta da Chibata, liderada pelo marinheiro João Cândido, no Rio de Janeiro, em 1910. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, “esse exercício histórico daria aos estudantes uma oportunidade de questionar e compreender melhor os processos sociais, econômicos e culturais passados e contemporâneos (...)”

Na exploração do gênero “crônica”, será possível distinguir um fato de uma opinião, habilidade importante para desenvolver o senso crítico do aluno diante da diversidade de discursos a que ele está exposto. Já na observação dos romances, será possível destacar que a inspiração realista e naturalista levou a uma escrita sem afetações, próxima à linguagem jornalística e distanciada do rigor formal da estética parnasiana, visitada no bimestre anterior.

Como sugestões para a abordagem desses gêneros, são apresentadas duas sequências didáticas. A primeira é dedicada à crônica e a segunda está voltada para o trabalho com o romance.

Sequência didática 1: A crônica e o Pré-Modernismo

Os três descritores agrupados nesta primeira sequência didática, dois referentes à leitura e um referente ao uso da língua, permitem a caracterização do gênero crônica. Além disso, o contexto de produção, o Pré-modernismo, também será levado em consideração. Para facilitar o trabalho, o cotejo com a notícia será uma estratégia bastante viável e coerente em função da relação histórica que esses gêneros mantêm.

Eixo Leitura:

- *Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época*
- *Distinguir um fato da opinião relativa a este fato*

Eixo Uso da Língua:

- *Empregar adequadamente a linguagem e os fatores de textualidade como clareza e objetividade.*

PASSO 1: CARACTERIZAR O GÊNERO CRÔNICA

Antes de analisar a pertinência da crônica no contexto pré-modernista, é preciso apreender as características desse gênero, fazendo os alunos perceberem aspectos

ligados ao contexto de produção e à estrutura. Para alcançar esse objetivo, partir de crônicas atuais é uma boa estratégia, porque tanto o assunto quanto a linguagem fazem parte do contexto do aluno, fator essencial para despertar o interesse e facilitar a aprendizagem. Outro ponto importante é que a caracterização da crônica seja feita a partir do cotejo com a notícia, gênero já conhecido pelos alunos e com o qual a crônica mantém estreitas relações. Por isso, o professor pode introduzir o trabalho com uma notícia cujo tema também seja abordado em uma crônica. Por exemplo, em “Consumidora encontra lesma em lanche”, uma consumidora se queixa de ter encontrado uma lesma em um sanduíche de uma famosa cadeia de restaurantes *fast food*. Com base nessa notícia, o escritor Moacyr Sclyar produziu a crônica “Sonho de lesma”. Os dois textos foram publicados pelo mesmo veículo, o jornal Folha de São Paulo¹.

A crônica de Sclyar trata literariamente do sonho de uma lesma que queria ser como um *escargot*, uma iguaria requintada, ainda que seu destino fosse, inevitavelmente, a morte. Para ela, o que importava era o “status” que o nome francês lhe traria, ainda que na condição de lesma talvez ela pudesse viver mais tempo. Por isso, esconde-se em um pé de alface que, ao contrário do que previra, seguiu para o *MC Donald's* e não para algum restaurante chique. A presença do molusco no sanduíche é o único ponto de contato com a notícia, que, por sua vez, limitou-se a informar ao público o absurdo de encontrar um bicho desses em uma refeição. De forma bastante objetiva, utilizando uma linguagem clara, a notícia cumpre seu papel de informar, ao passo que Sclyar nos faz refletir a partir da condição das lesmas, conferindo a esse bicho certo grau de humanidade.

Como forma de incrementar a atividade, o professor pode, antes mesmo da leitura dos textos, exibir os vídeos “A terra do *escargot*”² e “*Escargot* (caramujo africano)”³. O primeiro deles é uma pequena reportagem que contrapõe duas visões presentes nos textos: a imagem da lesma – bichinho do qual todos têm nojo - e a do *escargot* – espécie de lesma comestível e cara. Já o segundo vídeo traz um samba de Wilsinho

¹ Moacyr Sclyar escrevia semanalmente para o jornal Folha de São Paulo a série “Boletim de corênciã” na qual ele transformava notícias em crônicas.

² Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=eAypxSuDes8>.

³ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=nfOBPA_hZuQ&feature=related.

Saravá, cuja letra leve e divertida brinca com a confusão entre o caramujo africano e o requintado prato francês. Esses vídeos podem facilitar a compreensão dos alunos em relação à crônica, que traz como protagonista uma lesma sonhando ser escargot. Além disso, os vídeos permitem mostrar a dimensão cultural da alimentação, pois encontrar uma lesma em um lanche talvez não fosse um problema no Marrocos, como mostra a reportagem.

Dinâmica Introdutória	
1º momento	<p>Apresentação de vídeos: “A terra do escargot” e “Escargot (caramujo africano)”</p> <p>As diferentes imagens de lesmas, comparadas ao <i>escargot</i>, prato requintado, são bastante úteis para prepará-los para a comparação entre a crônica e a notícia.</p>
2º momento	<p>Leitura da notícia</p> <p>O professor pode, em conjunto com os alunos, ler a notícia, cotejá-la com os vídeos e analisá-la textual e linguisticamente.</p>
3º momento	<p>Leitura da crônica</p> <p>Além das relações com o vídeo, o professor pode pedir que os alunos comparem os dois textos.</p>

Texto 1

Consumidora encontra lesma em lanche⁴

A leitora Alessandra Alves Castro diz que, no dia 26 de novembro, foi ao *McDonald's* do Shopping Ibirapuera e pediu o lanche *McChicken*. Ao comê-lo, viu uma lesma de três centímetros na alface. "Fiquei horrorizada, com muito nojo", afirma. Segundo ela, o gerente chegou a dizer que não era uma lesma, e sim um vestígio de óleo queimado. "Pedi que olhasse direito, pois estava evidente que aquilo era um bicho. Depois disse que era apenas uma lesma de alface", reclama. RESPOSTA - O *McDonald's* se desculpou pelos transtornos e informou que se trata de um caso isolado. A assessoria disse que reforçou os procedimentos com o fornecedor. Segundo o restaurante, as alfaces utilizadas são cultivadas e processadas dentro dos mais rigorosos padrões.

(Folha de São Paulo, 01/01/2001)

Texto 2

Sonho de lesma⁵

Ela nasceu lesma, vivia no meio de lesmas, mas não estava satisfeita com sua condição. Não passamos de criaturas desprezadas, queixava-se. Só somos conhecidas por nossa lentidão. O rastro que deixaremos na História será tão desprezível quanto a gosma que marca nossa passagem pelos pavimentos.

A esta frustração correspondia um sonho: a lesma queria ser como aquele parente distante, o escargot. (...)

Infelizmente, porém, a alface não fazia parte de um prato francês, mas sim de um popular e globalizado lanche. Quando a consumidora foi comê-lo constatou, horrorizada, a presença da lesma. Chamado, o gerente a princípio negou a evidência: disse que aquilo era um vestígio de óleo queimado. O que deixou a lesma indignada: eu não sou óleo queimado, bradava, eu sou uma criatura, e uma criatura com um sonho, respeitem meu sonho ou será que, para vocês, nada mais é sagrado, só o direito do consumidor?

(...)

(Folha de São Paulo, 08/01/2011)

⁴ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0101200131.htm>.

⁵ Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0801200107.htm>.

Na sequência, os textos “Consumidora encontra lesma em seu lanche” e “Sonho de lesma” podem ser entregues sem as fontes, para que a turma perceba a relação temática entre ambos e suas diferenças estruturais. No quadro, o professor pode anotar todas as semelhanças e diferenças apontadas pelos alunos, conduzindo a discussão para que observem que o segundo texto é fruto do primeiro. Caso eles já tenham estudado o gênero notícia, suas características podem ser trabalhadas, relacionando-as à crônica, gênero textual cujo estudo também já foi contemplado pelo currículo mínimo. É importante frisar que a notícia trabalha um fato, tornando-o conhecido do grande público, ao passo que a crônica é uma visão subjetiva acerca desse fato. Uma atividade interessante seria a localização, na notícia, do fato e da opinião. Como resultado, eles perceberiam que na notícia não há opiniões, apenas fatos, uma vez que a imparcialidade é a tônica desse gênero jornalístico. Caberá à crônica, então, comentar, opinar acerca desse fato.

NOTÍCIA	CRÔNICA
Texto jornalístico	Texto jornalístico ou literário
Narrativa de um fato: Uma mulher encontra uma lesma no sanduíche do <i>MC Donald's</i> .	Narrativa e/ou comentário sobre o fato: Sclyar desloca o foco para a lesma, narrando seus sonhos e tecendo comentários críticos a partir do fato noticiado.
Objetividade	Objetividade e/ou Subjetividade
Impessoalidade	Pessoalidade / Humor
Formalidade	Informalidade

Para finalizar o passo, podem ser explorados aspectos como o fato de a crônica ser um texto que se relaciona ao real, mas não o reproduz como a notícia, justamente porque seu objetivo é olhar a realidade, tornando-a interessante, diferente, especial. Por isso, o cronista parte do conhecido para torná-lo único, fazendo-nos refletir. Moacyr Sclyar, de certo modo, deu vida às lesmas, conduziu nosso olhar a outro aspecto da realidade, anterior ao sanduíche do *MC Donald's*. De forma irônica, ficção e realidade se mesclaram originando um texto cuja proposta é singularizar a lesma e seu sonho, apresentando, conforme Filipouski diz, uma “preocupação estética, provocando prazer e conhecimento por sua forma, conteúdo e organização, e, como expressão humana, é um meio privilegiado de comunicação, pois explora todas as potencialidades da linguagem”⁶.

Se julgar conveniente, o professor pode sugerir aos alunos que produzam, em duplas, uma crônica a partir de uma notícia atual, como fez Moacyr Sclyar. Os textos podem ser lidos para a turma juntamente com a notícia que lhes deu origem, criando um momento propício para que a diferença entre fato e opinião seja novamente trabalhada.

PASSO 2: ANALISAR A CRÔNICA PRÉ-MODERNISTA

É importante destacar que, nem sempre, a crônica apresenta um viés literário, podendo assumir um caráter mais jornalístico. Isso pode ser explicado, em parte, pela análise etimológica do vocábulo, pois “chronica”, em Latim, significava um relato em ordem cronológica – partindo do *chronos*, em grego. No século XIX, com o advento da imprensa, esse gênero passou a fazer parte dos jornais, comentando de forma crítica alguns acontecimentos do cotidiano. Nessa época, coube a Machado de Assis cultivar esse gênero.

Com a modernização da imprensa à época pré-modernista, os textos circulavam mais rapidamente e a necessidade de informações deu origem às coberturas in loco, com correspondentes, como as que conhecemos hoje. Ao cronista, então, cabia a tarefa de comentar esses fatos, segmentando a classificação conforme o assunto ao qual se ligava:

⁶ FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro; MARCHI, Diana Maria. A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura. Erechim, RS: Edelbra, 2009.

crônica policial, crônica esportiva, crônica política etc. Nesse contexto, escritores como Lima Barreto e João do Rio desenvolveram um olhar crítico para a sociedade brasileira e, não raro, aliaram as feições jornalísticas da crônica com o trabalho artístico da linguagem.

A nova fase política, aliada à modernização tecnológica, tornou a cidade, especialmente o Rio de Janeiro, o foco das atenções. A urbe necessitava conhecer o país como um todo, queria notícias diárias. Então, se por um lado surgiram os romances regionais, de outro, as coberturas jornalísticas dos fatos ganharam especial interesse e importância. Sem dúvida, invenções como a fotografia, o telégrafo e o cinema foram determinantes para o pré-modernismo, pois cada vez mais a Literatura precisou adequar sua expressão à busca pelo real. Nesse sentido, as crônicas foram textos exemplares, adequando-se à transformação do gosto literário, que cada vez mais demandava pela atualidade.

Como o ambiente urbano e sua modernização foram vitais para a produção pré-modernista, é importante que os alunos possam visualizar o Rio de Janeiro da época e, assim imergir no universo explorado por Lima Barreto e João do Rio. Se o professor desejar, pode comparar imagens do Rio antigo com o atual, evidenciando as transformações do espaço. Para isso, é possível exibir o pequeno vídeo “Rio de Janeiro antigo e atual”, que traz como fundo musical “Soul brasileiro”⁷, de D’Black. A canção é bem interessante, pois toca na questão fundamental das crônicas selecionadas para esse passo, ou seja, a valorização do estrangeiro em detrimento do nacional. A leitura contemporânea e lúdica da composição certamente pode contribuir para envolver os alunos e aprofundar a leitura das crônicas.

Como forma de resumir as estratégias desse passo, segue o esquema:

⁷ Para letra e vídeo da canção, cf.: <http://letras.mus.br/dlack/550949/>

Dinâmica Introdutória	
1º momento	<p>Apresentação de vídeo: “Rio de Janeiro antigo e atual”⁸</p> <p>Por meio desse vídeo é possível saber como era a paisagem urbana que serviu de cenário para as crônicas de Lima Barreto e João do Rio e comparar a cidade do Rio de Janeiro do passado com sua configuração atual.</p>
2º momento	<p>Exibição do vídeo “Modos de vestir na Belle Epoque carioca”⁹ e leitura da crônica de Lima Barreto</p> <p>Depois de exibir o pequeno vídeo, que traz modelos de roupas usadas no início do século XX, o professor pode chamar atenção para a inadequação dessas roupas com o clima do país.</p>
3º momento	<p>Leitura da crônica de João do Rio</p> <p>O professor pode destacar a falta de conhecimento dos brasileiros em relação ao seu próprio país.</p>

⁸ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=260TXK8MVYc&feature=related>

⁹ O vídeo é uma pequena reportagem sobre uma exposição realizada pela Fundação Casa de Rui Barbosa e está disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=AnNX9rSV-us>. Para mais informações sobre a exposição, cf.: http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=9&ID_M=2320.

Texto 1

Vestidos Modernos¹⁰

Nunca foi da minha vocação ser cronista elegante; entretanto, às vezes, me dá na telha olhar os vestidos e atavios das senhoras e moças, quando venho à Avenida. Isto acontece principalmente nos dias em que estou sujo e barbado.

A razão é simples. É que sinto uma grande volúpia em comparar os requintes de aperfeiçoamentos na indumentária, tanto cuidado de tecidos caros que mal encobrem o corpo das "nossas castas esposas e inocentes donzelas", como diz não sei que clássico que o Costa Rego citou outro dia, com o meu absoluto relaxamento.

Há dias, saindo de meu subúrbio, vim à Avenida e à rua do Ouvidor e pus-me a olhar os trajes das damas.

Olhei, notei e concluí: estamos em pleno Carnaval.

Uma dama passava com um casaco preto, muito preto, e mangas vermelhas; outra, tinha uma espécie de capote que parecia asas de morcego; ainda outra vestia uma saia patriótica verde e amarelo; enfim, era um dia verdadeiramente dedicado a Momo.

Nunca fui ao clube dos Democráticos, nem ao dos Fenianos, nem ao dos Tenentes; mas estou disposto a apostar que em dias de bailes entusiásticos nesses templos de folia, os seus salões não se apresentam tão carnavalescos como a Avenida e adjacências nas horas que correm.

(Lima Barreto)

Texto 2

Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?¹¹

–Mas, então, Minas não tem um porto de mar?

– Infelizmente, minha senhora. Apesar do Brasil ter as costas largas, Minas é um dos quatro estados centrais, sem porto de mar.

– Quatro, só?

¹⁰ Disponível em <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/lima-barreto/vestidos-modernos.php>

¹¹ Disponível em www.academia.org.br

– Infelizmente, quatro só. Apesar do Brasil ter muitos estados, os outros não aderiram ao movimento de horror ao oceano.

Esta interessante e erudita palestra, era num salão perfeitamente intelectual. Havia damas deliciosamente vestidas e cavalheiros superiormente instalados na vida. Os que em torno da mesa do chá, preparado à russa, com limão, ouviram as minhas revelações, tinham o ar impertinente e fatigado com que se permite a um toleirão mostrar as suas habilidades, e a própria dama que perguntava, fazia-o apenas por um desfastio civilizado. Que se importava ela com os estados do Brasil, e que Minas fosse um estado central?

Neste momento, porém, a um canto, o conde papal Rodrigo Azambuja, que vinha de fazer uma estação no Egito, como toda a gente que se presa, começou a contar as suas impressões do Nilo e das areias. Dentro em pouco, metido pelo deserto, Rodrigo Azambuja, falava do baixo Niger.

Esse Niger é muito interessante.

– Mais que nosso Amazonas?

– Oh! meu amigo, o Amazonas... Falo propriamente dos costumes. Imagine que há um meandro do Niger que nasce perto de Idda, e desemboca no Otnicha. Subindo esse curso d'água, encontra-se uma aldeia de nome Egga-Mambara. O rei desse país tem o nome de rei do rio. E sabem por quê? Porque matou mais inimigos e mais animais ferozes. Nesse país, o homem que mata uma pantera ou um caimão tem o direito de usar um laço de fita no tornozelo. A cada ato de bravura, acrescentam-lhe um laço. Quando o tornozelo está cheio de decorações, o homem é nomeado rei do rio!

A roda toda ria encantada e o conde Rodrigo trunfava.

– À margem dos nossos rios, também há costumes muito interessantes. Não sei se as senhoras leram os estudos do esforçado Dr. Barbosa Rodrigues...

Houve um frio. E o cavalheiro de mais intimidade, interrompeu:

– Oh! criatura, não assustes as damas com os índios. Mas que mania a nossa de falar de selvagens! Deixa os índios em paz, rapaz.

Cheio de vergonha, engoli de uma vez só um sanduíche de caviar, eu que não gosto de caviar, e, como era preciso afinar pelo diapasão geral, interroguei de face uma das senhoras:

– Dessas histórias, não ouviu V. Ex.a na sua última croisserie, pela Escandinávia!

(...)

(João do Rio)

Em sua crônica, Lima Barreto¹², comportando-se como um exímio cronista de sua época, apresenta um narrador que vai às ruas e observa o comportamento a sua volta com um olhar crítico. Ele escolhe um fato – a indumentária feminina da época – e sobre ele tece comentários muitas vezes irônicos (a comparação com o Carnaval), evidenciando o quanto as moças e senhoras da alta classe carioca vestiam-se de forma espalhafatosa e não propícia ao nosso clima. O professor pode aproveitar esse momento para relembrar a *Belle Époque*, fase já comentada por ocasião do Parnasianismo. No início do século XX, a França influenciava a cultura e o comportamento da elite nacional. A sugestão do vídeo “Modos de vestir na *Belle Époque* carioca” pode ser útil nesse momento. Certamente, com o auxílio do professor, os alunos perceberão que, ainda hoje, a tendência de valorizar a cultura estrangeira permanece viva, embora não sejam mais os modos franceses a influenciar nossos costumes atualmente.

João do Rio¹³ também faz uma crítica ao apontar o desconhecimento do brasileiro acerca do seu próprio país. É importante destacar que o narrador faz questão de, logo no início do texto, mostrar que os personagens envolvidos na conversa são pessoas pertencentes à elite financeira e intelectual. Esse é um ponto de contato fundamental entre os textos, pois, em ambos, a cultura nacional é vilipendiada em prol da estrangeira. No caso da segunda crônica, o desconhecimento da geografia básica do Brasil (“em Minas não há praia”) nos dá a exata dimensão do que propõe o título do texto. As intervenções do narrador configuram a tentativa de um brasileiro de fazer com que seus compatriotas conheçam seu país. Novamente, torna-se possível traçar um paralelo com os dias atuais. O professor pode pedir aos alunos outros exemplos de contextos nos quais isso aconteça. Os alunos podem citar o turismo, por exemplo, pois dados comprovam que o brasileiro viaja muito mais para o exterior; além disso, podem falar sobre a música, a moda, o cinema etc.

¹² Um ótimo vídeo sobre Lima Barreto está disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=M4roOVqpotY>.

¹³ Um ótimo vídeo sobre João do Rio está disponível em:
<http://www.youtube.com/watch?v=2ySMxHsIS3U>.

PASSO 3: ANALISAR A LINGUAGEM DA CRÔNICA

Tendo em vista sua relação com os fatos cotidianos, em função de ser vinculada aos textos jornalísticos, a crônica tende a utilizar uma linguagem informal, que estabeleça um diálogo com quem a lê. Assim, esse gênero deve ser convidativo, seduzir o leitor. Certamente, os textos que compõem essa sequência, juntamente com outros que o professor queira levar, permitirão aos alunos a compreensão das características da crônica, que podem ser sistematizadas conforme o quadro a seguir.

Características da Crônica	
Tipo textual	Texto curto em função de não ter o compromisso de desenvolver um enredo, mas sim de analisar e/ou comentar um fato
Conteúdo	Aborda temas ligados ao cotidiano, analisando-os, criticando-os
Personagens	Personagens comuns, pessoas que povoam a realidade a nossa volta
Tempo/Espaço	Tempo cronológico e espaço específicos, pois não são comuns grandes deslocamentos temporais ou espaciais já que a ação é limitada a um fato
Linguagem	Informal, coloquial e objetiva, podendo haver toques de humor e ironia
Narrador	Seja em 1ª ou 3ª pessoa, a figura do narrador é fundamental pois seleciona e organiza as informações e, além disso, apresenta os comentários que orientam a reflexão do leitor

Essas características podem ser construídas em conjunto pela turma, com o auxílio do professor, que pode utilizar o quadro-negro para anotá-las. Além disso, o professor também pode propiciar aos alunos um momento de reflexão textual, chamando atenção para alguns aspectos importantes de cada crônica, como mostram os quadros a seguir.

Sonho de lesma, Moacyr Sclyar

É importante frisar o caráter literário dessa crônica, que chega mesmo a atingir uma dimensão fantástica ao dar vida e sentimentos à lesma. Nessa história, a lesma revela senso crítico, ambição, sonhos. E morre por eles. Tal como nas fábulas, não há marcas linguísticas especificando o tempo e o espaço da narrativa, de modo que esta crônica se torna uma história universal e atemporal. No entanto, as referências a “um popular e globalizado lanche” e ao “direito do consumidor” localizam o texto em nossa época e o relacionam à notícia que o motivou. Ao mesmo tempo, o fato de se tratar de uma crônica publicada em um jornal, especificamente em uma seção cujo intuito é ficcionalizar a realidade, já nos prepara a buscar no texto os elos com o real. É importante que os alunos entendam que o suporte para a crônica também é auxiliado na construção de seu sentido e na sua vinculação ao real.

Vestidos modernos, Lima Barreto

Comparando-se essa crônica a outra, percebe-se nitidamente a diferença na utilização da linguagem. Enquanto o narrador observador de Scliar quer nos fazer refletir pela via dos sentimentos, o narrador personagem de Lima Barreto caminha pelo centro do Rio a observar e a pensar sobre o vestuário feminino. A referência ao carnaval contrasta com a visão clássica das mulheres - “nossas castas esposas e inocentes donzelas” – concretizando uma ironia pungente, que se mostra ainda mais forte ao final do texto, no último parágrafo. Nele, o narrador reafirma o quão ridículas são essas roupas do dia a dia, uma vez que tais trajes não eram vistos nem mesmo nos mais famosos bailes carnavalescos da época. Um detalhe importante é o narrador afirmar nunca ter ido a esses bailes, ou seja, não era preciso frequentar o carnaval para notar o exagero nas roupas das mulheres das altas classes sociais. Por isso, nesse texto, a localização espacial é tão importante. É a partir dela, afinal, que se estabelece mais claramente o vínculo com o real.

Quando o brasileiro descobrirá o Brasil, João do Rio

Tal como Lima Barreto, o narrador criado por João do Rio também está presente na situação narrada e, assim, transmite a nós, leitores, a exata sensação de se deparar com um grupo de “intelectuais” que desconhece questões básicas do próprio país. (“Esta interessante e erudita palestra, era num salão perfeitamente intelectual”). A carga irônica dos advérbios e adjetivos dessa frase, bem como de outros que permeiam o texto, refletem a indignação e o tom crítico do autor, beirando o sarcasmo. Outro expediente usado pelo autor e que aguça ainda mais a sua crítica é o deboche, como na frase “– Infelizmente, quatro só. Apesar do Brasil ter muitos estados, os outros não aderiram ao movimento de horror ao oceano.” O professor também pode chamar atenção para o início da crônica com a conjunção “Mas”. É importante comentar que, nesse caso, ela marca a existência de falas anteriores ao início do texto e evidencia, semanticamente, um tom de surpresa. Os alunos também devem perceber que essa escolha linguística marca um recorte temporal no diálogo que originou a crônica. O narrador começa o texto no ponto da conversa que corresponde ao assunto que deseja abordar. Do contrário, seu texto perderia a objetividade.

Outra estratégia que pode ser explorada pelo professor é a elaboração de um questionário avesso à objetividade, composto por perguntas que jamais poderão ser respondidas com base nas crônicas. Com isso, os alunos perceberão que uma importante diretriz da produção textual é dizer apenas o que de fato é importante, sob pena de que a objetividade seja perdida. Vale frisar que isso é diferente para cada gênero textual. Por exemplo, na notícia sobre a lesma no sanduíche, o nome completo da consumidora é citado, ao passo que na crônica, focando a lesma e seu sonho, isso não é importante. Essas perguntas podem ser roteirizadas no quadro-negro e “respondidas” oralmente. Seguem alguns exemplos:

Sobre “Sonho de lesma”:

Qual é o nome das personagens na crônica de Sclyar?

Onde, especificamente, essa história se passa?

Sobre “Vestidos modernos”:

Quem são as moças bem vestidas que Lima Barreto observa?

Qual é a localização específica dos bailes de carnaval citados?

Detalhe, ao máximo, a vestimenta das mulheres no texto de Lima Barreto.

Sobre “Quando o brasileiro descobrirá o Brasil”:

Faça o mesmo com as roupas das senhoras “deliciosamente vestidas” na crônica de João do Rio.

Apresente o nome e a profissão dos personagens envolvidos na conversa.

Com esse recurso, após a constatação de que as perguntas não têm respostas, ficará claro que, na crônica, texto baseado na observação da realidade, muitos detalhes não são importantes, porque o real não está sendo retratado. Seja mais literária ou mais jornalística, a crônica é um recorte, cujo intuito é despertar a reflexão do leitor.

Ao final desta sequência, espera-se que o aluno seja capaz de identificar, na crônica, um fato relatado e diferenciá-lo do comentário que o autor, o narrador ou o personagem fazem sobre esse fato, ou seja, uma opinião. Assim, é importante avaliar se

o aluno consegue perceber a opinião como pertencente ao campo da subjetividade e o fato, ao campo da objetividade. O aluno também precisa demonstrar compreender que a linguagem da crônica, no Pré-Modernismo, muitas vezes sugere uma naturalidade que se afasta do artificialismo observado, principalmente, na estética parnasiana. É desejável, desse modo, que o aluno consiga perceber o essa fase como o início da ruptura com as diretrizes estilísticas e temáticas que o precedem e, ao mesmo tempo, como um “abre-alas” para o Modernismo, iniciado em 1922.

Sequência didática 2: O contexto sociocultural e o romance do Pré-Modernismo

Nesta sequência didática, foram agrupadas duas habilidades do eixo Leitura e duas referentes ao Uso da Língua. Esses descritores permitem a compreensão do contexto sociocultural do Pré-Modernismo e a linguagem de seu romance. A sequência está organizada em quatro passos.

Eixo Leitura:

- *Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.*
- *Reconhecer a abordagem de temas universais na produção literária do negro brasileiro.*

Eixo Uso da Língua:

- *Empregar adequadamente marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes etc.).*

PASSO 1: CONTEXTUALIZAR O PRÉ-MODERNISMO

O Pré-Modernismo é uma fase de transição entre o fim do século XIX e o início do século XX, precisamente até a Semana de Arte Moderna de 1922. Trata-se de uma época em que se podem observar os seguintes planos:

- a) Formal: conservador, uso das descrições, da linguagem prolixa, das características realistas e naturalistas na prosa.

- b) Temático: inovador, partindo de uma postura crítica da realidade brasileira. Na prosa, preocupação em registrar as preocupações sociais da época.

No que concerne ao contexto histórico, esse foi um período de guerras, miséria, desemprego e revoltas populares. É importante o professor mencionar os primeiros anos da República com Floriano Peixoto (1891-1894), recordando os protestos da oposição que não o aceitavam como presidente e que culminaram em dois conflitos: Revolta Federalista do Rio Grande do Sul e Revolta da Armada. Vale ainda citar outras revoltas que marcaram o período pré-modernista: a Guerra de Canudos, ocorrida nos anos de 1896 e 1897 na Bahia; a Revolta da Vacina no Rio de Janeiro, em 1903; e a Revolta da Chibata, também no Rio de Janeiro, em 1910.

Na capital fluminense, o século XX tem início com grandes transformações promovidas pela Reforma Pereira Passos. Segundo vários historiadores, um dos maiores problemas urbanos do Rio, a favelização, começou exatamente nesse período.

Depois de refletir sobre o fim do século XIX e início do século XX, destacando aspectos como a riqueza de poucos em detrimento da miséria de muitos, o desemprego e o empenho de reprodução dos modelos franceses na *Belle Époque*¹⁴, é recomendável a apresentação dos autores literários do Pré-Modernismo. O professor, então, pode utilizar um quadro semelhante a este:

ALGUNS AUTORES DO PRÉ-MODERNISMO			
			
Graça Aranha: “Canaã”	Euclides da Cunha:	Lima Barreto: “Triste Fim de	Monteiro Lobato: “Urupês”

¹⁴ A *Belle Époque* foi comentada por ocasião do estudo da estética Parnasiana no 1º ciclo do bimestre passado. Naquele momento, importava revelar a influência francesa nos modos, costumes e na produção literária.

<p>A dificuldade de integração dos personagens alemães Milkau e Lentz, no interior do Espírito Santo. Lentz defende o uso da força Já Milkau, apoia a integração entre os povos, o amor.</p>	<p>“Os sertões” O autor fez a cobertura da Guerra de Canudos, na Bahia, e registrou a resistência dos habitantes às ações do Exército. A obra possui três partes: “A terra”, “O homem” e “A luta”, expressando que “o sertanejo é antes de tudo um forte”.</p>	<p>Policarpo Quaresma” Trata das desigualdades sociais, da crítica à vida social e política da época. O protagonista é Policarpo Quaresma, defensor apaixonado da cultura brasileira.</p>	<p>A obra traz várias histórias que abordam os costumes e a linguagem típica do interior. O último conto que intitula toda a coletânea apresenta o Jeca Tatu. Esse personagem se tornou célebre na representação do caboclo preguiçoso.</p>
--	--	---	---

Esse quadro já permite mostrar um panorama das preocupações que nortearam a produção literária pré-modernista. O professor pode destacar aos alunos que cada obra aborda uma região do país e um determinado grupo populacional. Os textos, portanto, representam o empenho em desenvolver um novo olhar para o Brasil, mais crítico e sem idealizações.

PASSO 2: DESTACAR AS PRINCIPAIS QUESTÕES DO ROMANCE “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”

Neste passo, cumpre despertar a atenção dos alunos para a leitura da obra de Lima Barreto. Para apresentar o romance, o professor pode destacar algumas das principais questões abordadas no texto. Como são temas que ainda guardam interesse contemporaneamente, é possível construir estratégias para atrair os alunos.

Do romance, duas questões relevantes podem ser evidenciadas:

- a) A defesa do idioma Tupi como língua nacional por Policarpo Quaresma;
- b) A desigualdade social no subúrbio;

A partir de cada uma delas, o professor pode estimular debates e reflexões na turma, atualizando a própria obra. As questões, então propostas, passariam a ser, respectivamente:

- A) A Língua Portuguesa e os estrangeirismos;
- B) A desigualdade social.

A abordagem do primeiro tópico pode contribuir para aproximar a discussão atual, tomada a partir da influência estrangeira no vocabulário, com a crítica do protagonista da obra de Lima Barreto. Policarpo Quaresma, em seus arroubos ufanistas, acreditava que o Tupi deveria ser a língua nacional, pois os índios teriam sido os legítimos donos da terra.

Uma estratégia para promover tal aproximação seria usufruir de gêneros textuais do cotidiano do aluno. Um exemplo disso é a crônica de jornal “Não esqueçam, Brasil é com ‘s’”¹⁵, do professor Claudio Cezar Henriques (UERJ), publicado no jornal “O Globo” de 31/08/2012, que faz uma crítica à influência estrangeira no cotidiano. O autor esclarece sobre a escrita das palavras “paraolimpíadas” e “brasuca”, registradas com “o” e “s” respectivamente, conforme o vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, distinguindo-se das formas “paralimpíada” e brazuca”, marcas da influência inglesa de “paralympics games” e “Brazil”. Esse texto pode ser usado num trabalho de argumentação em defesa do idioma nacional, relacionando à petição de Policarpo Quaresma, demonstrando a atualidade da obra de Lima Barreto.

Posteriormente, é recomendável a apresentação da música “Samba do *approach*”¹⁶, de Zeca Baleiro a fim de trabalhar o léxico estrangeiro e seu uso no texto, ratificando como o inglês está presente no cotidiano discente. O professor pode mostrar a música num retroprojeter, por meio de um *data show*, ou simplesmente, distribuindo folhas de ofício com a letra impressa. É interessante expor a música, os vocabulários estrangeiros e seus significados, como no seguinte quadro:

¹⁵ Link para consulta do artigo do Professor Claudio Cezar Henriques:
http://www.educacionista.org.br/jornal/index.php?option=com_content&task=view&id=13934&Itemid=43.

¹⁶ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wTASF5aMIPI>.

Samba do Approach
Zeca Baleiro

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do rush
Eu ando de ferryboat...(2x)

Eu tenho savoir-faire
Meu temperamento é light
Minha casa é hi-tech
Toda hora rola um insight
Já fui fã do Jethro Tull
Hoje me amarro no Slash
Minha vida agora é cool
Meu passado é que foi trash...

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do rush
Eu ando de ferryboat...(2x)

Fica ligado no link
Que eu vou confessar my love
Depois do décimo drink
Só um bom e velho engov
Eu tirei o meu green card
E fui prá Miami Beach
Posso não ser pop-star
Mas já sou um noveau-riche...

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do rush
Eu ando de ferryboat...(2x)

Eu tenho sex-appeal
Saca só meu background
Veloz como Damon Hill
Tenaz como Fittipaldi
Não dispense um happy end
Quero jogar no dream team
De dia um macho man
E de noite, drag queen...

Brunch: Misto de café da manhã com almoço.
Approach: sedução
Rush: grande afluxo de pessoas
Ferryboat: barca.
Savoir-faire: habilidade, conhecimento, esperteza.
Light: leve, simples, alegre.
Hi-tech: alta tecnologia
Jethro Tull: banda de rock.
Slash: Saul Hudson, guitarrista e compositor, já tocou na banda Guns N' Roses.
Cool: calma, tranquila.
Trash: coisa inútil, lixo.

Link: ligação, elo.
My love: meu amor.
Drink: bebida.
Engov: remédio para ressaca.
Green card: cartão de residência permanente nos Estados Unidos.
Miami Beach: Praia de Miami.
Pop-star: artista popular.
Noveau-riche: alguém que enriqueceu recentemente.
Sex-appeal: sensualidade.
Background: experiência.
Damon Hill: ex-piloto britânico.
Happy end: final feliz.
Dream team: time dos sonhos
Macho man: macho valentão
Drag queen: alguém que se veste com roupas do sexo oposto ao seu.

Venha provar meu brunch
Saiba que eu tenho approach
Na hora do rush
Eu ando de ferryboat...(7x)

A partir disso, sugere-se desenvolver uma relação entre a música “Samba do approach”, a crônica “Não esqueçam, Brasil é com ‘s’” e a petição de Policarpo em favor do Tupi como língua nacional.

Para o segundo tópico, relativo à desigualdade social, o professor pode partir da canção “Subúrbio”¹⁷, de Chico Buarque, que descreve a realidade dos subúrbios no Brasil, em especial as favelas cariocas. Outra estratégia seria utilizar a canção “Patricinha de olho azul”¹⁸, do grupo Bom Gosto. Essa composição é interessante pela abordagem do enfrentamento das desigualdades racial e social por um casal de namorados. A música toca numa questão séria de modo leve, atual e acessível aos alunos.

Depois da apresentação dos principais temas da obra, é importante mergulhar no romance.

PASSO 3: ROTEIRO DE LEITURA DE “TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA”

Para este ciclo, no trabalho com o Pré-Modernismo, é sugerida a leitura integral do romance “Triste Fim de Policarpo Quaresma”. Para auxiliar no desenvolvimento dessa leitura com os alunos, o professor pode se basear nas etapas do pequeno roteiro a seguir.

¹⁷ Ao trabalhar com esta canção, é importante que o professor observe a presença de um termo do calão na última estrofe. Para não comprometer a estratégia, é possível omitir os últimos versos da canção.

¹⁸ Vídeo disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=1hkf-46m6uM&feature=fvrel>.

1) APRESENTAÇÃO DO PERSONAGEM PRINCIPAL

“um homem pequeno, magro, que usava pincenez, olhava sempre baixo, mas, quando fitava alguém ou alguma coisa, os seus olhos tomavam, por detrás das lentes, um forte brilho de penetração, e era como se ele quisesse ir à alma da pessoa”.

□ Policarpo Quaresma, subsecretário do Arsenal de Guerra, cultivava uma aparência austera, coerente com a sobriedade de seu caráter e com seu nacionalismo exacerbado, principal traço de sua personalidade. O professor pode ler e comentar com os alunos as seguintes passagens:

a) Quem examinasse vagarosamente aquela grande coleção de livros havia de espantar-se ao perceber o espírito que presidia a sua reunião. Na ficção, havia unicamente autores nacionais ou tidos como tais: o Bento Teixeira, da Prosopopéia; o Gregório de Matos, o Basílio da Gama, o Santa Rita Durão, o José de Alencar (todo), o Macedo, o Gonçalves Dias (todo), além de muitos outros. Podia-se afiançar que nem um dos autores nacionais ou nacionalizados de oitenta pra lá faltava nas estantes do major.

b) De História do Brasil, era farta a messe: os cronistas, Gabriel Soares, Gândavo; e Rocha Pita, Frei Vicente do Salvador, Armitage, Aires do Casal, Pereira da Silva, Handermann (Geschichte Von Brasilien), Melo Moraes, Capistrano de Abreu, Southey, Varnhagen, além de outros mais raros ou menos famosos. [...] (I Parte. A lição de Violão. p. 3).

c) [...] Era onde estava bem. No meio de soldados, de canhões, de veteranos, de papelada inçada de quilos de pólvora, de nomes de fuzis e termos técnicos de artilharia, aspirava diariamente aquele hálito de guerra, de bravura, de vitória, de triunfo, que é bem o hálito da Pátria. [...] (I Parte. A Lição de Violão. P. 3).

d) [...] Desde moço, aí pelos vinte anos, o amor da pátria tomou-o todo inteiro. Não fora o amor comum, palrador e vazio; fora um sentimento sério, grave e absorvente. [...] (I Parte. A Lição de Violão. P. 3).

1) IMPRESSÃO QUE POLICARPO CAUSAVA NOS OUTROS

“(…) encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram ferazes e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achara? Decepções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções. A pátria que quisera ter era um mito; era um fantasma criado por ele no silêncio do seu gabinete.”

□ É importante observar que o nacionalismo de Policarpo não encontra respaldo em seus pares e, por isso, ele se torna alvo constante de gozações e críticas. Esse aspecto nos revela uma crítica de Lima Barreto à sociedade brasileira de sua época, que vivenciava o auge da influência estrangeira com a Belle Époque. Por meio do exagero do comportamento de Policarpo, que chega a sugerir que o Tupi seja a língua oficial da pátria, verifica-se uma releitura crítica e irônica dos preceitos românticos, que também buscaram a valorização da cultura nacional. Seu idealismo torna o protagonista dessa narrativa alvo de preconceitos, como mostram os trechos abaixo.

a) (...)Se não tinha amigos na redondeza, não tinha inimigos, e a única desafeição que merecera fora a do Doutor Segadas, um clínico afamado no lugar, que não podia admitir que Quaresma tivesse livros: “Se não era formado, para quê? Pedantismo!”[...]

b) [...] É preconceito supor-se que todo o homem que toca violão é um desclassificado. A modinha é a mais genuína expressão da poesia nacional e o violão é o instrumento que ela pede.[...] (I Parte. I A Lição de violão. p.2).

c) [...] o preconceito que lhe cercava a pessoa, desmoralizava o misterioso violão que ele tanto estimava. E além disso com aquelas teorias!Ora!Quer que a modinha diga alguma coisa e tenha versos certos!Que tolice![...] (I Parte. V Bibelot. P.33).

2) A INTERNAÇÃO

“Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polissintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeita mente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se dessa forma as estereis controvérsias gramaticais, oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal -- controvérsias que tanto empecem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.”

□ Na primeira parte do livro, o fato mais marcante é a internação, por insanidade, de Policarpo. Já tendo sugerido aos órgãos oficiais que o Tupi fosse a língua nacional e, obviamente, tendo se transformado em motivo de escárnio, ele, sem querer, traduz para este idioma um requerimento oficial. Salvo da demissão por um amigo, este decide interná-lo. Seis meses depois, Policarpo sai triste do hospício.

3) O SÍTIO “SOSSEGO”

“Planejou a sua vida agrícola com a exatidão e meticulosidade que punha em todos os seus projetos. Encarou-a por todas as faces, pesou as vantagens e ônus; e muito contente ficou em vê-la monetariamente atraente, não por ambição de fazer fortuna, mas por haver nisso mais uma demonstração das excelências do Brasil.”

□ Apesar do nome, a nova morada de Policarpo, para onde ele segue após a saída do hospício, não é capaz de lhe garantir o descanso, pois, em sua mente, ainda permanecem arraigados os ideais nacionalistas. Questões políticas chegam até ele, que também se decepciona com as péssimas condições de vida da população do interior e com as precárias condições do agricultor, que trabalha muito e lucra pouco. Ironicamente, o Sossego começa a mexer com suas concepções mais profundas. Percebendo-se ingênuo, decide que todos os males terão fim com um governo forte.

Então, tomando a grande decisão de sua vida, vai ao telégrafo e envia seguinte mensagem:

“Marechal Floriano. Rio. Peço energia. Sigo já. Quaresma.”

4) O BATALHÃO PATRIÓTICO CRUZEIRO DO SUL

“Mas, como é que ele tão sereno, tão lúcido, empregara sua vida, gastara o seu tempo, envelhecera atrás de tal quimera? Como é que não viu nitidamente a realidade, não a pressentiu logo e se deixou enganar por um falaz ídolo, absorver-se nele, dar-lhe em holocausto toda a sua existência? Foi o seu isolamento, o seu esquecimento de si mesmo; e assim é que ia para a cova, sem deixar traço seu, sem um filho, sem um amor, sem um beijo mais quente, sem nenhum mesmo, e sem sequer uma asneira!”

□ O trecho em destaque apresenta as reflexões finais de Quaresma, que percebe que sua pátria era comandada por pessoas que mais se preocupavam com seu bem estar do que com a nação. O Memorial de sua autoria, que visava à modernização da agricultura do Brasil, é entregue por ele mesmo ao Marechal Floriano, que o ignora. O visionário Quaresma acaba recebendo uma colocação no batalhão patriótico, fazendo surgir um imenso desejo de entender mais sobre artilharia. No entanto, Policarpo é um homem das letras, um estudioso para quem as armas eram muito mais um objeto fantástico do que um objeto de uso concreto.

□ A cidade do Rio de Janeiro, já capital da República, estava agitada em função da Revolta da Armada e Policarpo participa de um dos confrontos. Ele presencia a execução de alguns prisioneiros e, indignado, escreve uma carta a Floriano criticando a atitude. Ironicamente, o maior de todos os patriotas brasileiros, então, acaba preso por traição.

Como é possível notar, os três projetos de Policarpo Quaresma – linguístico, agrário e político - foram frustrados, revelando, assim, a visão crítica e negativa que Lima Barreto nos oferece acerca do Brasil pré-modernista. O professor pode estimular essa reflexão a partir do livro, mas também relacioná-la à atualidade, mostrando casos

de corrupção e falta de ética, bem como, em contrapartida, destacar os bons exemplos de pessoas que se destacam por tentar combater as injustiças sociais.

Para dinamizar a etapa da leitura, é possível dividir a turma em grupos e solicitar que eles apresentem trabalhos sobre trechos do romance. Cada grupo ficaria com um trecho de modo que, na apresentação, a turma teria uma visão global da narrativa. O professor pode ainda propor leituras dramatizadas, encenações livres ou adaptações de partes da obra. Na internet, existem alguns exemplos de vídeos criados por estudantes da 2ª. Série do Ensino Médio a partir do texto de Lima Barreto. Certamente, esses exemplos podem motivar os alunos.

Por fim, é possível exibir o filme “Policarpo Quaresma, herói do Brasil” (1998), de Paulo Thiago, e debater com a turma a versão cinematográfica.

PASSO 4: RECONHECER E EMPREGAR OS MARCADORES DISCURSIVOS

Os marcadores discursivos são expressões que podem marcar a opinião de alguém, uma circunstância ou interesses do locutor. Para mostrar isso, alguns autores recorrem ao termo “modalidade”, para transmitir as expressões linguísticas referentes às apreciações e intenções de quem fala ou escreve. Baseando-se em Azeredo (2000, p. 122-123), o texto pode usar uma diversidade de termos modais, que pode ser sintetizada e ilustrada da seguinte maneira:

APRECIÇÃO	INTENÇÕES E INTERESSES
<u>Com certeza</u> , o carro de João enguiçou. (Sintagma adverbial preposicionado)	<u>É proibido</u> estacionar aqui. (Predicador seguido de infinitivo)
<u>É claro que</u> a turma gostou do trabalho (Predicador seguido de que + oração)	Nós <u>temos que terminar</u> esse trabalho. (Verbo modal)
Eu estou fazendo isso <u>só</u> para ajudá-lo. (Marcador de foco)	<u>Solicito</u> que você faça o trabalho. (Verbo que explicita o ato praticado pelo locutor)

A essa hora já terei estudado tudo (Emprego modal do tempo verbal)	Quem conhece esta matéria? (Entoação interrogativa)
--	--

Vendo o marcador discursivo por esse foco, o aluno terá oportunidade de observar o discurso e suas intenções a partir do uso das expressões marcadoras do conteúdo proposicional.

Além disso, o professor pode tratar dos marcadores discursivos usados para estruturar uma informação, reformular um discurso, concretizar ideias ou estabelecer relação entre os interlocutores, podendo ser ilustrado por meio do seguinte quadro:

Sentido	Marcadores discursivos
Estruturação da informação: organização	após, antes, depois, seguidamente, por último, para concluir...
Reformuladores: explicação ou retificação	ou seja, isto é, quer dizer, por outras palavras, quer dizer, ou melhor, dizendo melhor, quer isto dizer.
Operadores discursivos: reforço conclusão de ideias	na verdade, na realidade, por exemplo, efetivamente, repare-se, é evidente que, certamente, naturalmente, evidentemente, em resumo, em suma
Marcadores conversacionais ou fáticos: manter contato entre os interlocutores	ouve, olha, presta atenção

Após essa explanação, o professor pode trazer à tona um trecho do romance “Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto, e passar questões relativas ao emprego dos marcadores e seus efeitos de sentido no discurso. Um exemplo disso é o seguinte trecho do capítulo “A lição de violão” da obra:

E, na mesma tarde, uma das mais lindas vizinhas do major convidou uma amiga, e ambas levaram um tempo perdido, de cá para lá, a palmilhar o passeio, esticando a cabeça, quando passavam diante da janela aberta do esquisito subsecretário.

Não foi inútil a espionagem. Sentado no sofá, tendo ao lado o tal sujeito, empunhando o “pinho” na posição de tocar na posição de tocar, o major, atentamente, ouvia: “Olhe, major, assim”. E as cordas vibravam vagarosamente a nota ferida; em seguida, o mestre aduzia: “É ré, aprendeu?”

Mas não foi preciso pôr na carta; a vizinhança concluiu logo que o major aprendia a tocar violão. Mas que coisa? Um homem tão sério metido nessas malandragens!

LIMA BARRETO (2003, p. 20)

Nesse texto, é interessante comentar as expressões que revelam o comportamento do major Policarpo Quaresma, o modo como vibra o violão, a sequência dos acontecimentos e os questionamentos preconceituosos da vizinhança. Para esclarecer esses itens, o professor pode pedir que os alunos substituam as expressões sublinhadas por termos equivalentes e que identifiquem o sentido, como a seguir:

Expressão	Termo (s) equivalente(s)	Sentido
Atentamente	Atenciosamente	Com concentração
Olhe, major, assim	Preste atenção, major, dessa maneira	Manter a atenção
Em seguida	Seguidamente, Depois, Após, Posteriormente	Organização, sequência
Mas	Entretanto	Oposição
Logo	Imediatamente	Rapidez de raciocínio
Mas que coisa?	Como pode?, Que situação!	Crítica a Policarpo

Dessa maneira, o aluno terá oportunidade de explicar os marcadores e compreender a relação entre os personagens, seus pensamentos, inquietações, atitudes e personalidade.

Ao final da segunda sequência didática, é importante verificar se o aluno compreendeu que os temas desenvolvidos por Lima Barreto, embora reflitam questões brasileiras, alcançam dimensão universal: o nacionalismo ufanista, a vida na periferia dos grandes centros urbanos e a máquina burocrática estatal. Tão importante quanto essa compreensão é a percepção, pelo aluno, de que a universalidade de certos temas explorados por Lima Barreto não fez com que tenha deixado de abordar a questão do preconceito racial/social sofrido pelos negros e pelos economicamente desfavorecidos, tema no qual o particular e o universal se veem retratados.

Com relação ao eixo uso da língua, importa avaliar se o aluno é capaz de utilizar de modo adequado diferentes marcadores discursivos e, ainda, se ele percebe que a semântica dos mesmos pode trazer juízos de valor que contribuem para a delimitação de certos pontos de vista por parte do autor de um texto. O aluno, assim, precisa demonstrar entender que expressões como “certamente” e “evidentemente”, por exemplo, ajudam a reforçar ideias apresentadas em um texto, ou seja, atuam como marcadores discursivos.

Finalmente, vale lembrar que as sequências apresentadas encerram apenas algumas dentre as muitas possibilidades de abordagem do foco deste ciclo. Cabe ao professor diminuir, acrescentar ou adaptar as estratégias de acordo com a realidade de sua sala de aula.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Eixo Leitura

- **Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.**
- **Reconhecer a abordagem de temas universais na produção literária do negro brasileiro.**
- **Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato**

Livros teóricos

- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994, p. 303-331.

O livro fornece ao leitor uma gama de conhecimentos históricos e literários concernentes ao Pré-Modernismo. O autor faz comentários críticos sobre as características das obras de Euclides da Cunha, Lima Barreto e Graça Aranha, mostrando a realidade social e cultural. Também, faz uma reflexão sobre o escritor João Ribeiro, que já foi considerado o profeta do Modernismo.

- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Vol.4.: Estilos de época: era realista/ era de transição. 4 ed. rev e atual. São Paulo: Global, 1997, p. 62-65, 204-225, 495-503.

Nesta obra, destaca-se a análise sobre a obra “Os Sertões” de Euclides da Cunha e sua percepção por vários autores. No capítulo de Lima Barreto, há uma reflexão sobre a vida do autor e os problemas sociais expressos em seus livros. Ao tratar de Graça Aranha, o autor faz um resumo do enredo de “Canaã” e situa-o no naturalismo, composto de uma sucessão de fatos sem perder contato com a realidade, usando traços realistas para compor os personagens. Além disso, há uma menção ao escritor Cassiano Ricardo que faz referência a João Ribeiro como verdadeiro precursor do Modernismo e crítico ao Parnasianismo.

- LEDO, Terezinha de Oliveira, MARTINS, Patrícia. **Manual de literatura: literatura portuguesa, literatura brasileira.** São Paulo: DCL, 2003, p.254-258.

Fazendo uma síntese dessa fase de transição, a autora aborda os aspectos históricos e as características dos autores Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha e suas principais obras, citando trechos e comentando-os. No fim do capítulo, o leitor visualiza um quadro que resume o Pré-Modernismo e se restringe aos autores referidos e seus romances.

- OLIVEIRA, Ana Tereza Pinto de. **Minimanual compacto de literatura brasileira: teoria e prática.** São Paulo: Rideel, 2003, p. 229-253.

De forma esclarecedora, a autora apresenta o contexto histórico, social e literário do Pré-modernismo. Ela destaca os principais romances de Graça Aranha, Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato explicando os temas, os personagens, a estrutura do romance; no caso da poesia de Augusto dos Anjos expõe os sentidos dos versos antipoéticos em “Versos íntimos”. Além disso, há exercícios de fixação sobre os textos literários dessa fase de transição.

Livro didático:

- ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido.** São Paulo: Moderna, 2008. 3 v. p.p. 2-29.

O livro apresenta um consistente panorama histórico do Brasil pré-modernista e traz trechos, comentários e análises das principais obras que marcaram o período. Ao final do capítulo, há uma lista com indicações de filmes, *links* e textos que podem contribuir para a abordagem do Pré-Modernismo em sala de aula.

- CAMPOS, Elizabeth Marques; CARDOSO, Paula Marques; ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português.** São Paulo: Ática, 2010. 2 v. p.p. 270-293.

O capítulo 2 da unidade 6 trata do Pré-Modernismo por meio de propostas de análises de diferentes textos. O livro destaca os principais autores do período e ainda sugere atividades que relacionam o olhar crítico das obras pré-modernistas com gêneros bem acessíveis aos alunos como as charges.

- CEREJA, William Roberto, MAGALHÃES, Thereza Analia Cochar. **Literatura Brasileira: 2º grau**. São Paulo: Atual, 1995, p. 261-276.

O livro traz sugestões de filmes, livros, músicas e pesquisas na área de artes plásticas do início do século XX. Além disso, mostra o contexto histórico, os autores, principais obras, ilustrações e exercícios de reflexão crítica sobre o Pré-Modernismo.

Eixo Uso da Língua

- **Empregar adequadamente a linguagem e os fatores de textualidade com clareza e objetividade**
- **Empregar adequadamente os marcadores discursivos (geralmente, muitas vezes etc.)**
- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do Português**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: 2000, p. 120- 131.

Na seção “Sintaxe e discurso”, o Professor José Carlos de Azeredo aborda as relações do texto com interlocutor, conteúdo, tempo, espaço e entre os discursos. Ao tratar da modalidade, oferece ao leitor uma apresentação das expressões linguísticas referentes à apreciação do locutor sobre o conteúdo proposicional das orações, seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação.